

Teólogos Ortodoxos Contemporâneos:



Sérgio Bulgakov

(1871-1944)



Nasceu em 16 de junho de 1871 em Liuny, uma vila da Rússia central, em uma família de sacerdotes. Depois de um tempo de ateísmo, retornou à fé em 1905 e foi ordenado sacerdote em 1918. Fundou o *Instituto de Teologia São Sérgio* em Paris e o Movimento de Ação Cristã dos Estudantes Russos (1920-1930). Após grandes provações familiares e eclesiásticas, e uma longa doença, faleceu em 12 de julho de 1944. Suas obras-primas são “*Du Verbe Incarné*”, “*Le Paraclet*”, “*L'Epouse de l'Agneau*”, “*The Sagesse de Deus*”.

O AMIGO DO ESPOSO

João conhecia o mistério do Messias, mas não o seguiu e não se tornou seu discípulo. Não proclamou a vinda do Messias em todo o país; limitou-se a testemunhar sobre a Ele diante dos seus próprios discípulos e das pessoas do próprio lugar onde batizava. Ele permanecerá nesta situação e continuará batizando, simplesmente passando de Betânia do Jordão para Ainon, perto de Salim, porque ali havia águas abundantes (João 3:23), ou seja, por um motivo que nada teve a ver com o anúncio do Messias. Por quê? Porque seguir Cristo não correspondia à vocação do Precursor nem à sua missão.

O caminho próprio do Precursor exigia esta abnegação. Mensageiro da Antiga e da Nova Aliança, não experimentou a convivência com o Senhor Jesus na terra. Ele apenas O manifestou ao mundo, enquanto ele mesmo se retirava. O seu anúncio de penitência e o seu batismo de conversão prepararam o encontro do Messias já presente, mas ainda não reconhecido. É como o catecumenato que precede, nos nossos ritos, o batismo.

João não seguiu a Cristo senão na pessoa dos seus discípulos. Ele permaneceu em seu lugar com sua consciência de Precursor: O Noivo deve crescer e eu devo diminuir (João 3:30). Estas palavras expressam toda a força da façanha do Precursor, a sua abnegação, a sua diminuição voluntária, a sua humildade sem limites e ativa. Isto é expresso no último testemunho de João sobre o Messias:

Alguns dos seus discípulos disseram a João: “Rabi, aquele que estava contigo do outro lado do Jordão, de quem deste testemunho, está batizando e todos vão a ele”. João respondeu: “Um homem nada pode receber a não ser que lhe tenha sido dado do céu. Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse: ‘Não sou eu o Cristo, mas sou enviado adiante dele’. Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo. Essa é a minha alegria e ela é completa! É necessário que ele cresça e eu diminua. (João 3: 26-30)

Neste último testemunho, o Precursor expressa palavras tão ardentes e amorosas que estas palavras podem verdadeiramente ser chamadas de hino do Precursor. É a canção de amor para o Noivo. Não é o Cântico dos Cânticos do Esposo para a Esposa, mas o Cântico do Amigo do Esposo. Já não é a humildade que se humilha, mas a humildade que triunfa na alegria vitoriosa: é o triunfo do Precursor.

João ensina seus discípulos a se curvarem diante da eleição divina e a receberem seu próprio chamado com humilde sabedoria. Depois, revela-lhes a alegria que enche o seu coração, a alegria do Amigo do Esposo. O “amigo do esposo” era a pessoa de confiança, mais próxima do esposo, mas que permanecia em seu lugar inferior e se mostrava fiel. Assim, o servo de Abraão, Eliezer, a quem foi confiada a tarefa de procurar uma esposa para Isaque, filho de Abraão, encontrou-a na pessoa de Rebeca. No entanto, esta função habitual nada mais é do que o córtex do sentido interior que possuem os símbolos mais misteriosos e vibrantes do Antigo e do Novo Testamento. Nestas densas palavras de João, transparece o Mistério, o Símbolo do Cântico

dos Cânticos, do Salmo nupcial 45, dos Profetas, da Epístola aos Efésios (5, 19-33) e do Apocalipse (21-22).

O Esposo é o Cristo e a Esposa é a Igreja; João está presente nesses misteriosos noivados antecipados, contempla-os não como um observador estrangeiro, mas como um amigo, o Amigo do Noivo. A sua alegria não é uma alegria egoísta, mas uma alegria do amigo. A Bíblia nunca fala do “Amigo do Esposo”: João é o único Amigo do Esposo. A Esposa é o povo eleito, a comunidade cristã, a Igreja universal, cada cristão e, de modo especial, a Mãe de Deus. É o conteúdo da *Deisis*: a Esposa e o Amigo estão juntos com o Esposo.

O Cântico dos Cânticos conhece somente o Esposo e a Esposa, não conhece o Amigo do Esposo. Fala de alegria e felicidade, da união da divindade com a humanidade, da *deificação* da natureza humana, mas não fala da alegria da abnegação, da morte para si mesmo como condição da união divina; não fala da alegria vitoriosa da humildade que é também a alegria nupcial do Precursor, do Amigo do Esposo.

O Amigo encontra a Esposa e a leva até o Esposo. O Precursor é o homem em sua masculinidade superada e humilhada até a abnegação de si mesmo. A humildade da Noiva, que é a feminilidade humana, vista pelo Senhor Deus, une-se à humildade do Amigo do Esposo, do Amigo que se prepara em nome da humanidade para encontrá-lo. O encontro do Esposo se faz com o amor de todo o homem, em seus dois aspectos: feminino e masculino.

O que a alma do Precursor havia chamado fortemente, o que preencheu toda a sua vida, está agora diante dos seus olhos. E cheio da alegria de se deixar morrer livremente no amor, exprime a sua confissão de Precursor: Ele tem que crescer e eu tenho que diminuir, e isso é a alegria na sua plenitude. A palavra de amor que inclui o esquecimento de si mesmo não foi dita e não pode ser dita de forma mais simples, mais completa, mais forte.

Ser Amigo do Esposo é a vocação própria do Precursor do Senhor, o seu serviço e a sua façanha espiritual, mas será somente a sua própria vocação? Temos diferentes formas de serviço: distinguimos mártires, eremitas, loucos em Cristo, os bispos, as santas mulheres etc. Porém, existe uma façanha espiritual geral e necessária para cada um no caminho da salvação e que está incluída nas diferentes formas de serviço. Toda alma humana que se une a Cristo na Igreja é desposada por Cristo, que nela nasce,

nela realiza o nascimento eterno de Deus e se une a ela nestas bodas espirituais que são as de Cristo e da Igreja.

A sempre Virgem, a Mãe de Deus, é o protótipo da Noiva. Da mesma forma, o Precursor, como Amigo do Esposo, é o protótipo da entrada na Igreja, do esforço humano que esta exige. Cada pessoa humana que vem a Cristo deve ser não só Esposa, mas também a Amiga do Esposo, ou seja, deve submeter-se à imolação sacrificial do seu eu psíquico, por vezes maligno, e abandonar toda divinização deste eu experimentando a morte voluntária que é o dom de si mesmo. *“Pois aquele que quiser salvar a sua vida, vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la”*, diz o Senhor (MT 16:25). Ele também diz: *“Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto. Quem ama sua vida a perde e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna”*. (João 12, 24-25). Cada pessoa que vem ao Cristo tem que morrer no seu “eu”, dizendo: *“Ele tem que crescer em mim e eu devo diminuir e me tornar Amigo do Noivo”*. São Paulo diz: *“Não sou eu quem vive, mas é Cristo quem vive em mim”* (Gl 2, 20).

O Precursor é a testemunha da Teofania, da Manifestação da Santíssima Trindade no batismo de Cristo. Esta Teofania, especialmente a descida do Espírito Santo, é um Pentecostes para o próprio Cristo na sua humanidade, mas é também um Pentecostes antecipado para o Precursor, que não é apenas um profeta da Antiga Aliança, mas também um evangelista da Nova Aliança. Pacto. Só a descida do Espírito Santo, a unção particular do Precursor, poderia trazer a sua consciência à plena claridade. Por isso pôde cumprir este mistério, que a Igreja canta assim: *“João anunciou aos que estão no inferno a vinda do Deus que se manifestou na carne, tirou o pecado do mundo e concedeu grande misericórdia”*.

Cristo chamou a sua testemunha e Precursor: *“Lâmpada ardente e resplandecente”* (Jo 5: 35). João *“não é a Luz, mas a testemunha da Luz”* (João 1: 8), a lâmpada que não brilha por sua própria luz. Não só reflete uma luz que não é a sua, senão que também arde ele mesmo, deixa-se queimar e por isso ilumina. João aqui não é definido por sua missão de Precursor, mas por sua própria pessoa: ele arde a partir da Luz, isto é, de Deus, e ilumina por Deus como um *“candelabro da Luz divina”*, uma brasa acesa do altar de Deus.

Isso o aproxima do mundo dos Anjos. É chamado de anjo terrestre, no sentido de uma presença incessante diante da Face de Deus e de uma

iluminação pelo Espírito Santo. Como homem igual aos anjos, ele une dentro de si a plenitude da natureza humana e a altura e intimidade divinas da natureza angélica. Como Maria, mais venerável que os Querubins e incomparavelmente mais gloriosa que os Serafins, João está acima do mundo angélico, como o mostram os ícones.

... Muitos vinham a ele e diziam: “João não fez sinal (milagre) algum, mas tudo o que João disse sobre ele era verdade”. E muitos, aí, creram nele. (João 10:40-42)

Assim a semente da palavra de João dá o seu fruto. Nestas últimas palavras exprime-se o que há de mais característico da pessoa de João: não foi um taumaturgo na humildade do seu ministério, mas foi a verdadeira testemunha da Verdade e nisso reside a sua particular grandeza.

Muitos homens fizeram milagres. João é tão grande que não fez nenhum sinal (milagre). A obra da sua vida foi um só e único sinal, a sua própria Pessoa, ele próprio. O Amigo do Noivo em sua humildade. Consagrou toda a sua vida ao Outro, Aquele que vem.

FONTE: In: O Amigo do Esposo (tradução russa). Revista Fuentes, 1993. Argentina. «Teólogos Ortodoxos Contemporâneos»

A Ortodoxia

«A Ortodoxia é a Igreja de Cristo na terra. A Igreja de Cristo não é uma instituição, mas uma nova vida com Cristo e em Cristo, movida pelo Espírito Santo. Cristo, o Filho de Deus com sua vinda ao mundo e sua encarnação, uniu sua vida divina com a vida humana; Deus se fez homem, e fez partícipes desta sua vida divino-humana também os seus irmãos, ‘aos que creem em seu nome’. Jesus viveu entre os homens e padeceu a morte de cruz, mas ressuscitou e subiu ao céu. Pois bem, depois de sua ascensão, não se separou de sua humanidade, mas permaneceu unido a ela, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. A luz da ressurreição de Cristo penetra a Igreja com seu resplendor, e a alegria da ressurreição, da vitória sobre a morte, a preenche e a leva à

plenitude. O Senhor ressuscitado vive conosco, e a nossa vida na Igreja é a vida mística em Cristo¹».

¹ Bulgakov, Sérgio, *L'Orthodoxie, L'Age d'Homme*, Laussane, 1980.